

**Rubem Braga**

# SÔBRE CASAS, JARDINS E MANDARINE

**M**ARROCOS, Janeiro — Telhas verdes. Costumam ser pequenas e muito côncavas. Existem, já meio descoloridas pelo tempo, nas mesquitas antigas. Há também novas, com um brilho de barro vidrado.

Qualquer dia irei ver como são feitas; um construtor daqui me disse que elas não são caras. Imagino como ficariam bem no Brasil. Com certeza algum português ou espanhol já as empregou em nosso País; mas nunca vi. Imagino uma casinha de telhas verdes no meio de nossos verdes — não sei bem onde, talvez em um recanto de Petrópolis.

Burle Marx certamente conhece êsses jardins andaluzes. Têm uma graça antiga, meio alegre, meio largada. E sempre cheios de laranjeiras. Laranjeiras de frutas azêdas, muito vermelhas, invadem todos os jardins de Marrocos e de Espanha; e as ruas! Lembro-me de as haver visto, até no Paraguai, na arborização das ruas, como aqui se usa muito.

Agora é inverno e tôdas estão

carregadas de frutas maduras, avermelhadas, vivem, como lanternas acesas.

Mas nem tôdas as laranjeiras são azêdas. Eu estava procurando uma casa para a Embaixada e fui ver uma no Agdal, que era a centésima que me ofereciam.

Vi logo que não servia. Mas no jardim, enquanto o corretor ia me explicando as excelências do imóvel, reparei que havia, além de pés de laranja e de **grape-fruit**, alguns de tangerina, carregados.

Com um ar distraído, como quem não quer nada, fui passando a mão em uma fruta. Mas o corretor interrompeu seu discurso para me dizer que aquela não, a mais gostosa era a pequenina, uma **clementine**, não uma **mandarine**, de uma árvore junto ao portão.

Foi até lá, tirou muitas, me deu duas:

— Sempre que venho aqui mostrar esta casa a alguém, levo algumas...

A casa não prestava para embaixada, mas a mexeriquinha era boa mesmo.